

O QUE VAI PELO MUNDO JUDAICO

O MÊS DE
SHEVAT

Segunda-feira passada começou o mês de Shevat. Shevat é o décimo primeiro mês e o mês do Ano Novo das Árvores (Tu BiShevat), comemorado no dia 15.

Como sabemos, a Torá não dá nomes aos meses do ano. Em vez disso, chama Nissan, o mês da primavera, de primeiro mês. Contando a partir de Nissan, então Shevat é o 11º mês.

O nome Shevat aparece primeiro no Livro de Zechariah, e acredita-se que seja uma palavra emprestada do antigo Acadiano. Relacionado com a palavra chicotear, o nome refere-se às pesadas chuvas da estação quando o inverno termina. Chuva, na tradição judaica, está associada com bênçãos.

Este “ano novo” serve como marco para o dízimo de frutos e a idade das árvores (orlá). Festejam-se os sete principais frutos da terra de Israel. Este mês cujo nome se assemelha ao do shabat (shevat) manifesta

um dos fenômenos mais bonitos da materialidade. Trata-se do casamento das águas com a terra e o oferecimento de seu fruto mais majestoso - a árvore. E da árvore vem o fruto mais sublime que é o gosto. Não há gosto no universo frio e escuro.

O ato da criação dá luz, dá frutos, dá espécies e dá shabat. Essa multiplicidade originada na diferenciação depende das águas. As águas de cima e as águas de baixo iniciam um processo fantástico de distinção no qual temos que buscar a equanimidade e a imparcialidade. Tarefa difícil de saber julgar, preservando respeito por tudo e não apenas por nossa predileção.

O sentido do mês é o paladar. O paladar não é só uma medida de qualidade, mas quantidade. O justo se apraz com o que é apropriado, o perverso nunca se contenta. O senso de suficiência é tão refinado quanto o do paladar.

MASSORET HABRIT

O ELO DA TRADIÇÃO

De 1 a 7 de fevereiro de 2020

6 a 12 de Shevat de 5780

Ano 1 nº 15

Shabat Bô

E Deus passou pelas casas
dos hebreus, marcadas
com o sangue
do cordeiro

“A CAPA”

Shemot 12:22-23

“Vocês então tomarão um ramo
de hissopo e o molharão no sangue (do cordeiro).

Toquem a verga da porta e os dois umbrais com parte de sangue da bacia.
Nenhum de vocês pode sair da porta de sua casa até a manhã.”

SHABAT NO BEIT MIDRASH MASSORET

O Beit Midrash é um conceito existente na cultura judaica há mais de dois mil anos: uma casa de estudos em que se reza, uma sinagoga em que se estuda.

HORÁRIOS

Kabalat Shabat: sextas às 19:00

Shacharit Shabat: sábados às 10:00

Avenida Doutor Arnaldo, 1504, Metrô Sumaré
Sumaré - São Paulo capital

ENTREVISTAS DA TORÁ

1 • MASSORET HABRIT

Duas semanas atrás, entrevistamos aqui no Massoret Habrit, locheved, a mãe de Moisés, que para ela tinha outro nome. Um nome hebraico, Jekutiel, e elas e sua família, o chamavam de Tov, que significa bom, em hebraico. Agora, neste número, entrevistamos, a senhora, princesa Batia, filha primogênita do Faraó, que deu ao menino o nome com o qual ficou conhecido e famoso por toda a história – Moisés, salvo das águas, não só do povo judeu, mas de toda a humanidade. Afinal quem é a mãe de Moisés?

BATIA – Essa história é clara. Quem gerou Moisés, foi a locheved, uma escrava judia, que eu, pessoalmente não conhecia, mas que soube depois, que meu pai contratou para que ela matasse os meninos que nascessem, crime que ela nunca cometeu. Digo crime, no sentido figurado, porque a justiça aqui no Egito é a vontade e palavra de Faraó, pois eu, como uma mulher estéril, que queria muito um filho, não me conformava com essa história de matar um inocente. Com apenas três meses, a locheved teve que se separar de seu filho, porque senão ele seria morto pelo exército do meu pai. Eu o adotei, desde aquele dia milagroso, em que me banhava no Nilo, e vi aquele cestinho. Claro que eu sabia que era um menino hebreu. E quando “ao acaso” aparece aquela menina e sugere sua mãe como ama de leite, também sabia que ela era a mãe do menino. Ela o amamentou e quando acabou o período de amamentação me entregaram o menino. O Moisés viveu com ela mais um menos um ano, e comigo os próximos trinta e nove, quando ele teve que fugir do palácio real, no episódio da morte do capataz que torturava o escravo judeu.

BATIA

2 • MASSORET HABRIT

E como era a vida do Moisés no palácio real? Por ser um filho adotivo, ele tinha alguma restrição da família?

BATIA – Por incrível que pareça, mesmo sabendo que o Moisés era de origem hebreia, o Faraó, sempre o tratou como se fosse seu neto. É claro, que ele preferia meu irmão, afinal ela seria seu sucessor. Moisés e meu irmão eram muito amigos, brincavam muito no palácio, mas a educação que eu dei a ele foi diferente, tentei ao máximo transmitir valores mais humanistas, sem a preocupação de coisas como a busca do poder ou coisas do tipo. O grande problema é que a vida deles era no palácio real e eles não tinham praticamente nenhum contato com o mundo fora do palácio real. Por exemplo, o Moisés não sabia da violência como eram tratados os escravos, e nem sabia que a maior parte deles era gente de sua raça. Naquele dia que ele vê o capataz chicoteando o escravo hebreu, e pelos valores que lhe transmiti, sai em defesa do pobre e indefeso escravo. Quando ele notou que aquela cena tinha virado pública, ele acabou fugindo do palácio. Ele nem pode se despedir de mim, fiquei quarenta anos sem vê-lo. Só o reví, quando ele veio com o Arão exigir a liberdade de seu povo da escravidão do Egito.

3 • MASSORET HABRIT

Sabemos, que, apesar de serem primos e amigos de infância, a relação entre eles nesse momento foi muito difícil. E com você também foi assim?

BATIA – É verdade, eu vi o Moisés todas as vezes que ele foi ao palácio com o Arão. Nem parecia que eles se conheciam e tinham brincado tanto na infância e na adolescência. Mas, é claro, a situação era diferente. Eles tinham posições antagônicas. O Moisés exigia a liberdade de seu povo, o Faraó não queria abrir mão daquela mão de obra gratuita, explorada que era importante para a economia do Egito e para a construção das pirâmides. Para me preservar, ele não falava comigo, mas todas as vezes que ele veio ao palácio, ele sempre me olhava com carinho, o que já me deixava muito feliz. Mas o mais importante mesmo, foi naquela noite em que ocorreu a morte dos primogênitos do Egito. Não sei se você sabe, eu sou a primogênita e se eu ficasse no palácio real, eu teria morrido como todos os demais. No fim da tarde daquele dia, o Moisés mandou me buscar em sua casa, e graças a isso minha vida foi preservada. Fiquei muito feliz por ter sobrevivido, mas também por sentir que os valores que lhe transmiti na infância tinham sido preservados. Por todo esse carinho do Moisés, senti que o meu lugar era o lado do meu filho. Abandonei o palácio e parti com o Moisés e aquela multidão em direção a Canaã.